

## **O REALISMO MÁGICO EM UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA, DE MIA COUTO**

**Wilma Avelino de Carvalho** (UESPI/UFPI)\*

**RESUMO:** A manifestação insólita sempre permeou as literaturas orais e escritas. Assim, ela adquiriu características variadas com a evolução e a criação de gêneros e de estéticas literárias que foram surgindo no decorrer dos anos. Percebe-se que o insólito aparece de forma diferente em gêneros como o fantástico, o maravilhoso, o realismo maravilhoso e o realismo mágico. O objetivo desta comunicação é mostrar como o insólito característico do realismo mágico irrompe no romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003), do escritor moçambicano Mia Couto. No realismo mágico o evento sobrenatural é naturalizado, ou seja, a aparição de fenômenos insólitos faz parte da realidade representada. Para fundamentar nosso trabalho usamos os conceitos da crítica americana Wendy B. Faris. Segundo esta autora, o fenômeno insólito pode aparecer na narrativa naturalizado, mas igualmente pode provocar uma hesitação momentânea no leitor e no personagem. Considerando o posicionamento de Faris, verificamos que no romance coutiano aqui em estudo, o insólito aparece de ambas as formas.

**Palavras-chave:** Realismo mágico. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. Mia Couto.

**ABSTRACT:** The unusual manifestation always permeated the oral and written literatures. Thus, it acquired various characteristics to the development and creation of literary genres and aesthetics that have emerged over the years. It is noticed that the unusual appear differently in genres such as fantastic, marvelous, marvelous realism and magical realism. The purpose of this communication is to show how the unusual characteristic of magical realism in the novel breaks *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003), by the Mozambican writer Mia Couto. In magical realism the supernatural event is national, in the other words, the appearance of unusual phenomenon is part of the reality represented. To support our work we use the concepts of

---

\* Mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: wilcarvalho@yahoo.com.br.

American criticism Wendy B. Faris. According to this author, the unusual phenomenon may appear in the national narrative, but also can cause a momentary hesitation in the reader and the character. Considering the placement of Faris, we found that the novel coutiano studied here, the unusual appears both ways.

**Keywords:** Magical realism. Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. Mia Couto.

O insólito é um fenômeno que sempre permeou o imaginário do ser humano. Insólito é aquilo que não se apresenta de uma forma comum na realidade, que foge ao “normal” ou como Flávio García define em *A banalização do insólito na narrativa de ficção como marca distintiva de um outro e novo gênero literário, o insólito banalizado: as tensões entre a questão do insólito e os conceitos que dela tentam dar conta na literatura da lusofonia – Brasil, Portugal e Galicia* (2007):

Insólito abarca aquilo que não é habitual, o que é desusado, estranho, novo, incrível, desacostumado, inusitado, pouco frequente, raro, surpreendente, decepcionante, frustrante, o que rompe com as expectativas da naturalidade e da ordem, a partir do senso comum, representante de um discurso oficial hegemônico. (GARCÍA, 2007, p. 1).

A definição de García evidencia o caráter não-natural da manifestação do insólito no texto. Ao longo de seu percurso no universo literário, ele provoca reações no leitor e nos personagens que vão desde o horror, o medo, o nojo à sensação de encantamento frente à maravilha representada, ou mesmo a nenhuma reação do leitor e do personagem. Considerando o elemento insólito e sua manifestação em alguns gêneros literários, propomos analisar o romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*<sup>1</sup> (2003), de Mia Couto mostrando

---

<sup>1</sup> De agora em diante usaremos a abreviação *RTCT* para nos referirmos ao romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto.

como o insólito característico do realismo mágico irrompe na narrativa coutiana.

O realismo mágico é uma estética ou tendência literária surgida na Europa, mas que teve maior projeção nos países latino-americanos. A crítica americana Wendy B. Faris no ensaio intitulado *Scheherazade's Children: Magical Realism and Postmodern Fiction* (1995) que compõe a antologia *Magical Realism: Theory, History, Community* publicada em 1995 e organizada pela própria Faris e por Lois Parkinson Zamora, crítico e professor americano, propõe a expansão do conceito do realismo mágico para outras literaturas pós-coloniais, assim, a autora estabelece cinco características presentes nos textos mágico realistas: A primeira trata da maneira como o evento insólito irrompe na narrativa: ou ele é explicado no decorrer do enredo pelas leis do nosso universo, ou ele é inexplicável. A segunda é sobre a redução ou simplificação da mágica que leva à subversão da lógica de causa e efeito da realidade representada. A terceira aborda a recepção do leitor e do personagem frente à manifestação insólita. A quarta característica do realismo mágico trata da quase-fusão de dois mundos. O quinto atributo é dedicado ao tempo, ao espaço e à identidade.

Neste trabalho damos ênfase à primeira, à terceira e à quarta características. É consenso entre críticos como Paulo Serra, Irlemar Chiampi, Seymour Menton o caráter oximorônico do realismo mágico em razão do embate entre o “realismo” e o “incrível”, o “não natural” dentro do texto sem que nunca haja um vencedor. Faris (1995) defende que o insólito ou o elemento irreduzível de magia não pode ser explicado de acordo com as leis do universo que conhecemos. Logo, sua irrupção não tem explicação, pois eventos insólitos acontecem.

Em *RTCT* o evento insólito é o que dá o arranque para o desenrolar da narrativa. O romance começa narrando a volta de Marianinho para sua Ilha natal, Luar-do-Chão, e, para a casa de sua família, Nyumba-Kaya, para o

enterro de seu avô, Dito Mariano. Ao chegar à sua antiga casa, Marianinho descobre que seus parentes não sabem se o Avô está de fato morto. Dessa maneira, a irrupção não pode ser explicada pelas leis do nosso universo, ou seja, da nossa realidade, uma vez que ela não pode ser simplificada ou reduzida.

Para Faris (1995), a irrupção do insólito nos textos realistas mágicos emerge de duas maneiras: na primeira, ele não é questionado, ou seja, ele faz parte da realidade e, na segunda, ele é questionado, pois há uma hesitação em relação ao seu aparecimento, o que eventualmente levará a narrativa a ter momentos permeados pelo fantástico. A autora justifica esta aproximação originando um resgate da definição de fantástico elaborada por Todorov na obra *Introdução à literatura fantástica* (2004), mas como forma de mostrar que há variações dessa hesitação, pois o modo como o texto é recebido pelo leitor varia de cultura para cultura. O pensamento da crítica americana fica claro na citação seguinte:

[...] *this hesitation disturbs the irreducible element, which is not always so easily perceived as such. And some readers in some cultures will hesitate less than others. The reader's primary doubt in most cases is between understanding an event as a character's hallucination or as a miracle.* (FARIS, 1995 In: ZAMORA; FARIS, 2000, p. 171).<sup>2</sup>

Assim, concluímos que no RM<sup>3</sup> a hesitação tal como para Todorov, fica condicionada ao leitor. Aqui, a cultura à qual este pertence determinará a intensidade da dúvida diante da manifestação do insólito. Em *RTCT* temos passagens que mostram como o RM de Mia Couto evidencia essas duas possibilidades. O insólito aceito pode ser percebido na seguinte passagem do romance aqui em estudo:

---

<sup>2</sup> [...] esta hesitação perturba o elemento irredutível (o sobrenatural), que não é sempre tão facilmente percebido como tal. E alguns leitores de algumas culturas hesitarão menos do que outros. A dúvida principal do leitor, na maioria dos casos é entre a compreensão de um evento como alucinação de um personagem ou como um milagre. (FARIS, 1995 In: ZAMORA; FARIS, 2000, p. 171, tradução nossa, grifo nosso)

<sup>3</sup> A partir de agora usaremos a abreviatura RM para nos referirmos ao realismo mágico.

Abstinência passou a envergar uma tarjeta de pano preto, guarnição de luto sobre a lapela. Todavia, do que se conta, sucedia o seguinte: a pequena tarja crescia durante as noites. Manhã seguinte, o paninho estava acrescido de tamanho, a pontos de toalha. E, no subsequente, um lençol já pendia do sombrio casaco. Parecia que a tristeza adubava os pesarosos panos. Na família houve quem logo encontrasse a adequada conveniência: que ali estava uma manufactura têxtil, motivo não de perda chorosa, mas de ganhos chorudos. Diz-se, sem mais que o dizer. (COUTO, 2003, p. 16-17).

No fragmento acima, Abstinência revela que usava uma tarjeta de pano preto para simbolizar o luto por sua noiva falecida. O pequeno pano crescia mais e mais durante as noites. O crescimento não provoca estranhamento na família, ao contrário, despertou o espírito empreendedor de alguns membros da família, pois com o crescimento da tarja, eles poderiam lucrar de alguma forma. Assim, fica marcado o não estranhamento perante o evento insólito e a crítica ao sistema capitalista que já começava a dominar a população de Luar-do-Chão.

Um outro aparecimento igualmente naturalizado na narrativa é a presença de um gato aparentemente dotado de habilidades especiais. O animal pertencia a Dito Mariano, patriarca dos Malilanes ou Marianos, na forma aportuguezada. Ele usava o bichano para caçar mulher, ou melhor, “moça solteira”, que numa visão ocidental patriarcalista, que dizer “moça virgem” que estivesse disponível para casar. No seguinte fragmento os dotes do gato são evidenciados:

Dito Mariano possuía um gato, treinado para os indevidos fins. O bichano era lançado em plenas vielas nocturnas e se infiltrava pelos quintais até detectar uma moça solteira, disposta e disponível. Durante consecutivas noites, o gato insistiu em se imiscuir na casa de Dulcineusa. Não havia dúvida: era ela a escolhida. (COUTO, 2003, p. 48).

Ainda em relação ao não questionamento do fenómeno insólito,

percebemos em *RTCT* que além de a família dos Malilanes aceitar a possibilidade de Dito Mariano estar em um entre-lugar entre a vida e a morte, eles acreditam que isso possa ter acontecido também em razão de feitiçaria. Isso fica claro no trecho a seguir:

Na manhã seguinte, porém, o corpo apareceu fora do caixão, posto sobre o afamado lençol. Como tinha saído? A suspeita perpassou para toda a família. Aquela não era uma morte, o comum fim de viagem. O falecido estava com dificuldade de transição, encravado na fronteira entre os mundos. A suspeita de feitiço estava instalada na família e contaminava a casa inteira. (COUTO, 2003, p. 41).

A feitiçaria, para um ocidental, é considerada como elemento da fantasia e, geralmente, faz parte da cultura popular, sendo ou não tida como “irreal”, “falsa”. Em África, ela está ligada aos valores culturais dos povos, logo, é tida como natural dentro das várias etnias que povoam o continente.

A hesitação frente ao evento insólito aparece em *RTCT* representada por meio das reações de Marianinho. Este personagem saíra de Luar-do-Chão ainda menino para estudar na cidade. Nos anos fora da ilha ficara distante das tradições de sua terra, viu-se imerso na cultura de uma cidade de Moçambique que foi marcada pelo processo de assimilação da cultura europeia, a saber, a portuguesa, mas também passava a sofrer grande influência da globalização e do capitalismo. Marianinho, ao regressar à sua Ilha, ignora alguns costumes, tradições, ritos e mitos da terra, assim, ao entrar em contato com a realidade da ilha, esta permeada pelo elemento insólito e elementos das tradições locais, hesita frente aos fenômenos que fogem à sua compreensão de homem da cidade.

O aparecimento das misteriosas cartas marcam o estranhamento e a hesitação sentida pelo personagem diante de fato tão impressionante. A primeira carta é um aviso a Marianinho de que ele passará por um processo de reintegração ao ceio de sua família. O personagem quer saber quem lhe

escrevera, mas pela caligrafia da missiva sente o choque ao constatar que a letra é a dele. O fragmento a seguir evidencia as primeiras reações de Marianinho frente à manifestação insólita:

Quem escrevera aquilo? Quando tento reler uma tontura me atravessa: aquela é a minha própria letra com todos os tiques e retiques. Quem fora, então? Alguém com letra igual à minha. Podia ser um, entre tantos parentes. Caligrafia não é hereditária como o sangue? Vou pelo corredor, agora vazio. Procuo afastar o sentimento que a carta revolvera dentro de mim. [...] (COUTO, 2003, p. 56).

Percebemos, pela reação de Marianinho contida no excerto acima, o quanto o reconhecimento de sua própria letra na carta provocou um abalo em suas estruturas psicológicas, tanto que ele inicialmente dá uma explicação, aparentemente, racional dentro de sua cultura, porém, logo em seguida, ele procura afastar o ocorrido do pensamento. Para o aparecimento da segunda carta, a narrativa ganha uma atmosfera misteriosa, de modo que há uma preparação da cena para a manifestação do insólito:

Quando reentro em casa não encontro vivalma. Todos foram para o caminho de areia assistir à desgraça, consolando Últmio. De soslaio, parece-me ouvir um ruído. Entro na sala fúnebre e nada vejo senão o aquietado corpo do velho Mariano. Lá está o desfinado, entre flores e velas. Subo para o quarto. De novo, sobre a cabeceira, uma outra carta. **A tremência em minhas mãos não me ajuda a ler:** [...] (COUTO, 2003, p. 64, grifo nosso).

Nessa passagem, notamos que o recebimento da nova carta aliado ao ruído que Marianinho ouvira antes de subir ao quarto, realçam o temor sentido pelo personagem. Temor este que faz suas mãos tremerem durante a leitura da carta. O autor desta, até então desconhecido, admite a Marianinho

que a letra é realmente a dele e que eles continuarão a conversar por meio delas:

*Estas cartas, Mariano, não são escritos. São falas. Sente-se, se deixe em bastante sossego e escute.*

[...]

*É por isso que visitará estas cartas e encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher, com suas caligrafias. Como se diz aqui: feridas da boca se curam com a própria saliva. Esse é o serviço que vamos cumprir aqui, você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura. (COUTO, 2003, p. 64-65, grifo do autor).*

Observamos no fragmento a preocupação do autor da carta em tentar tranquilizar Marianinho em relação ao recebimento das cartas e da escritura delas, pois fica claro que quem as escreve é realmente Marianinho, mas quem as dita, é o autor desconhecido.

Na terceira carta o personagem ainda não acredita que ele mesmo esteja escrevendo as cartas. Nela, o autor desconhecido revela a Marianinho que usará outros meios para revelar-lhe detalhes da vida de seus parentes. Entrará em contato através de sonhos também. O autor das cartas revela que é da família dos Malilanes, fato que leva Marianinho a refletir sobre quem estaria escrevendo as cartas. O personagem investiga:

Espreito o papel, de frente e de viés. Quem escrevia aqueles bilhetes? Seria meu pai? Mas meu pai, que eu soubesse, nunca redigira nem assinatura completa. Abstinência? Talvez, mas por que motivo ele recorreria àquela enigmática comunicação? Admiração era mulher de falas, rosto no rosto. Não se esconderia em caligrafia. Maiores suspeitas recaíam sobre Dito Mariano. O provável, no caso, era o impossível. Meu Avô despertava da sua sonambulência, subia as escadas e se ocupava em escrever-me?

Retiro-me do quarto, vou pelo corredor da casa, tentando encontrar sinais desse anônimo gatafunhador. Silêncio. De súbito, da sala do morto escapam ruídos.



Calafriorento, sou paralisado pelo medo. Espreito entre a penumbra, ao jeito dos gatos que esgravatam sombras no meio da noite. (COUTO, 2003, p. 126).

Marianinho, apesar de já ter conhecimento de que ele e o autor misterioso estão produzindo as cartas juntos, não acredita totalmente no que elas dizem. Na passagem acima, observamos que ele, ao saber da possível relação de parentesco com o autor, faz conjecturas sobre quem estaria escrevendo-as. Sai à procura de anônimo autor, mas revela medo de encontrá-lo, pois temia encontrar algo que fugisse à sua realidade.

Mia Couto, em entrevista concedida a Ana Paula dos Reis Alves Roblés, fala um pouco do sobrenatural<sup>4</sup> presente em suas obras:

**P. Há nos teus livros a presença de dois tipos diferentes de sobrenatural. Há, por vezes, um sobrenatural que parece ser aceite por todos, que forma um mundo paralelo ao nosso e que se rege por leis alheias à nossa realidade. Mas, muitas vezes, esse sobrenatural irrompe no cotidiano da realidade moçambicana, levando os personagens e próprio narrador ao espanto, ao seu questionamento. Concordas?**

M.C. – Concordo. Porque, apesar de as fronteiras serem diversas, existe uma ideia de ordem, de previsibilidade. Esse mundo outro não é descomandado. É, sim, comandado por forças de outra dimensão. Assim, os personagens que atravessam as minhas histórias são confrontados com a desordem, golpeados pela surpresa e pelo inesperado. Senão não poderia haver história. (ROBLÉS, 2007, p. 90-91, grifo do autor).

Encontramos em *RTCT* muitas situações tais quais as que Mia Couto declarou no trecho acima. Uma delas acontece quando da aparição da quarta carta, momento em que percebemos Marianinho sendo golpeado “pela surpresa e pelo inesperado” ao ter finalmente descoberto a identidade do autor das missivas sobrenaturais:

Desperto, sacudido por abalo de perder chão. Nem bem

---

<sup>4</sup> Entendemos sobrenatural como sinônimo de insólito.

sei onde me encontro. Olho em volta, em desfoco, e acredito ver mexer a perna do Avô. A meu lado, se estende um lençol. Meu peito arqueja à medida que vou levantando uma ponta do pano. Como se fosse a uma criança dormindo, o lençol recobre uns papéis. Tomo-os na mão e estremeço. A mesma caligrafia, o mesmo desafio para meus olhos estupefactos:

*Eu não lhe pedi? Não lhe pedi que não revelasse a ninguém estes modos de aparição? Por que razão mostrou estas cartas a Dulcineusa? Você rompeu a promessa. Agora, não me resta senão me anunciar, perder meu último mistério. Quem fala nestas cartas sou eu, seu Avô Mariano. Não se pergunte mais, não duvide de mais ninguém. Sou eu, Dito Mariano, o sombrio escrevente.* (COUTO, 2003, p. 138, grifo do autor).

Após a revelação apresentada na quarta carta, Marianinho ainda tem dúvidas quanto à autoria delas, como podemos ver na seguinte passagem:

Pouso a carta com um riso atravessado: uma moça para fechar a despedida? O Avô queria morrer como o peixe: o corpo todo na boca. Espreito o aparente cadáver. Em voz alta, dou despacho à minha inquietação:

— *Não é o senhor, não pode ser o Avô que escreve isto.* (COUTO, 2003, p. 141, grifo do autor).

Em outra passagem Marianinho aparece “possuído” pelo Avô. É um tipo de possessão em que o personagem tem consciência do que está acontecendo consigo mesmo. No fragmento seguinte encontramos um momento no qual o estranhamento e a naturalização do insólito aparecem conjuntamente:

O silêncio se intromete. Não há mais alma para conversa. Regresso à casa grande. Deveria ir repor o sono no resguardo do fresco. Todavia, decido escrever. Vou para o quintal, e me disponho na sombra da mangueira. Levo o meu bloco de notas. Vou anotando ideias, frases soltas. **É então que sucede o que não é de acreditar:** a minha letra desobedece da mão que a engendra. Aquilo que estou escrevendo se transfigura em outro escrito. **Uma outra carta me vai surgindo, involuntária, das minhas mãos:** [...]. (COUTO, 2003, p. 170, grifo nosso).

Pelos trechos grifados no fragmento acima, constatamos que há uma mudança no tom com que o personagem narra o fenômeno insólito. No primeiro destaque sentimos um tom de dúvida, mas no segundo o tom é de aceitação. Essa característica do texto coutiano nos leva a um outro traço do RM, a quase-fusão de dois mundo, de duas realidades. Um mundo dos vivos e dos mortos que convivem harmoniosamente. Mía Couto em entrevista concedida às *Correntes d'Escrita* quando interrogado sobre o RM em suas obras afirma:

(O realismo mágico) É o que eu faço desde o primeiro livro que escrevi. Não poderia fazer outra coisa. Quando se fala de África, a realidade está sempre misturada com o fantástico. Não se trata de algo mágico ou religioso, mas de algo relativamente diferente: há toda uma cosmogonia, um modo de entender como os vários mundos que compõem um universo coexistem em harmonia. (CORRENTES, 2008, s/p, grifo nosso).

Concluimos que a realidade de África é misturada ao fantástico ou ao insólito. Os vários mundos coexistem dentro da realidade moçambicana de forma que transborde a riqueza cultural do país.

Temos, em *RTCT*, ainda outras manifestações do insólito. Estas aparições são, muitas vezes, ligadas a algum mito de Luar-do-Chão ou ligado a alguma lenda africana. Vejamos a passagem seguinte na qual Mariano descobre como sua mãe, Mariavilhosa, desaparecera ou passara a habitar outra região além-mundo:

— *É verdade que minha mãe morreu afogada?*  
Afogada era um modo de dizer. Ela suicidara-se, então? A Avó escolhe cuidadosamente as palavras. Não seria suicídio, também. O que ela fez, uma certa tarde, foi desatar a entrar pelo rio até desaparecer, engolida pela corrente. Morrera? Duvidava-se. Talvez se tivesse transformado nesses espíritos da água que, anos depois, reaparecem com poderes sobre os viventes. **Até porque houve quem testemunhasse que, naquela derradeira tarde, à medida que ia submergindo, Mariavilhosa se ia convertendo em água.** Quando entrou no rio seu

corpo já era água. E nada mais senão água. Meu pai ainda se lançou no Madzimi a procurar a sua amada. Mergulhava e nadava para trás e para a frente como um golfinho enlouquecido. Mas sucedia algo extraordinário: assim que ele entrava na água perdia o sentido da visão. Nadava ao acaso, embatendo nos troncos e encalhando nas margens. Até que o fizeram desistir e aceitar a triste irrealdade. (COUTO, 2003, p. 105, grifo nosso).

Percebe-se, a partir dessa longa passagem que, Mariavilhosa não morreu efetivamente, pois as pessoas que testemunharam seu desaparecimento no rio e a própria Dulcineusa não sabem, ao certo, que fim teve àquela. Uma das possibilidades é Mariavilhosa ter ido habitar o fundo do rio, tal como acontecera com a personagem Jessumina do romance *Vinte e cinco* (1999). Esta, passara sete anos morando no fundo do lago aprendendo as lições para tornar-se uma *nyanga* – uma feiticeira. Chama atenção no excerto que destacamos a possível metamorfose da mãe de Marianinho em água. Isto, no entanto, não causou espanto nos demais personagens. Outro ponto que merece destaque é a presença do vocábulo “extraordinário” que descreve o fenômeno sobrenatural que acontecia sempre que Fulano Malta entrava na água para procurar sua esposa: uma cegueira que só passava quando ele deixava a água. Este personagem teve de desistir de seu intento de realizar o resgate, pois não conseguira superar a manifestação insólita que o impedia de encontrar sua mulher. Aqui, temos um exemplo de insólito ligado aos mitos e aos costumes da Ilha.

Outra irrupção do insólito que está ligada à cultura de África é o fechamento da terra decorrente da maldição que se instalara na Ilha de Luar-do-Chão em consequência da decadência das tradições, da corrupção e da ganância que se instalara na supracitada ilha.

O coveiro levanta a pá *com* um gesto dolente. O metal rebrilha, fulgoroso, pelos ares, flecha rumo ao chão. Contudo, em lugar *do* golpe suave se escuta um sonoro clique, o rasposo ruído de metal contra metal. A pá relampeja, escoiceia *como* pé de cavalo e, veloz, lhe escapa

da mão. Meu espanto se destamalha: seriam faíscas que saltaram? Ou *fosse* o pássaro ndlati despenhando-se no solo terrestre? Certo é que a pá tinha embatido em coisa dura, tanto que a lâmina vinha entortada. Curozero Muando mira e remira o instrumento, sacode a cabeça e passa os olhos pelos presentes como se esperasse instruções. Meus tios, porém, permanecem mudos, em afinado calafrio. Uma nuvem pesa sobre o lugar.

O coveiro decide abrir uma cova mais ao lado. Um rumor percorre os presentes. Curozero, transpirado, afasta-se uns passos e recomeça a batalha contra o chão. Em vão. Também ali lhe surge, à flor da terra, uma pedra intransponível. Alguém dá ordem: que se intente uma terceira cova mais além. De novo a pá raspa em superfície dura. [...] (COUTO, 2003, p. 178).

No fragmento acima, vemos as três tentativas sem sucesso do coveiro Curozero Muando para abrir a cova para o sepultamento de Dito Mariano, pois a terra revelara-se impenetrável. De início, Marianinho fica espantado pelo fato de avistar as faíscas decorrentes da primeira tentativa do coveiro, em seguida, procura uma explicação para elas na mitologia local, mas o que predomina no fragmento é a atmosfera de terror dos membros da família Mariano diante de tal situação. A cena continua da seguinte forma:

O Tio Último avança, peremptório, e retira a pá das mãos do coveiro.

— *Dá-me esse focholo!*

Determinadamente, ele lança a pá de encontro ao chão. Mais uma vez a pá embate em obscura rocha.

Um arrepio percorre a alma de todos.

Chamam o coveiro à parte e perguntam:

— *O que se está a passar?*

— *Não sei, patrões, nunca vi uma coisa assim. Parece a terra se fechou.*

— *Como é que se fechou?*

— *Não sei, estou muito confuso.*

— *Cava lá, vai para além e cava lá, perto da árvore.*

O coveiro dirige-se para junto da frangipaneira, num canto do cemitério. De novo, ele enfrenta o chão. Uma vez mais se escuta a metálica colisão, a anunciar o

intransponível substrato. Aumenta o desespero. (COUTO, 2003, p. 178-179, grifo do autor).

Nota-se, no fragmento, a falta de crença de Últmio, pois enquanto seus familiares sentem a atmosfera misteriosa, aquele tenta por suas próprias mãos resolver o problema, mas sem sucesso. A atitude do filho mais novo de Dito Mariano apenas aumenta o medo de feitiços e de maldições que são comuns na cultura de Luar-do-Chão. A citação termina sem apresentar uma explicação racional, apenas, tem-se a certeza de que o chão se fechara em razão de algum feitiço.

A prática da feitiçaria faz parte da tradição cultural de África, assim, Dito Mariano explica a seu neto o que de fato ocorrera quando ele passou a habitar o entre-lugar:

*O que eu lhe digo, meu neto: apesar de descendido ainda me resta um fulgor, sombra de um bom espírito. Tanto é que, no momento em que me veio esta morte, um feitiço atravessou toda a vila. Meus olhos expiravam, meu peito esbatia e, nesse exacto instante, as fogueiras tremeluziram nas casas como se ventasse uma súbita e imperceptível aragem. E depois se apagaram, sopradas por essa sombra espessa. Se extinguiram no mesmo segundo em que se acenderam as máquinas que me fotografaram. (COUTO, 2003, p. 197- 198).*

Nota-se, pelo tom empregado por Dito Mariano ao narrar a forma como a ilha fora encantada ao mesmo tempo que ele fora arrastado à uma morte incompleta. Narra como se fosse um acontecimento qualquer, comum, fato que reforça a naturalização do sobrenatural característico do RM.

Por fim, temos mais uma irrupção sobrenatural que já não causa mais espanto ou dúvidas em Marianinho:

Um pássaro-martelo rodopia sobre mim. Pousa e se aproxima, sem medo. Fica-me olhando, sereno como se eu lhe fosse familiar. Me apetece tocar-lhe mas me guardo, imóvel. Ele se anicha em seu próprio corpo, parece adormecido. Fecho os olhos, afrouxado naquela quietude. Quando me levanto e, pé ante pé, tento

despertar o pássaro, ele se conserva imóvel. Estaria adoentado, ainda me ocorreu. Um pássaro adocece? Ou desmorona-se logo na morte, sem enfermidade pelo meio? Encorajado pela atitude da ave acabo tocando-lhe, num leve roçar dos dedos. É então que do corpo do mangondzwane se libertam dezenas de outras aves semelhantes, num deflagrar de asas, bicos e penas. E o bando, em espesso cortejo, se afasta, rente ando o rio Madzimi, lá onde minha mãe se converteu em água. (COUTO, 2003, p. 231-232).

Na partir da passagem acima, que fora retirada das páginas finais de *RTCT* que Mariano dá mostras de estar integrado à natureza e aos mitos e às crenças de Luar-do-Chão, pois já não tem receio em tocar o pássaro. Este se transforma em várias outras aves em frente ao personagem. O personagem apenas aprecia a bela transformação como fato natural. Assim, constamos que o insólito em *RTCT* aparece tanto de forma naturalizada como também aparece permeado por momentos de hesitação dos personagens. Mas esse elemento do RM manifesta-se igualmente associado às tradições do povo da Ilha.

Assim, concluímos que o realismo mágico presente em *RTCT* possui características ligadas à realidade moçambicana, fato que amplifica o campo de aplicação dela em outras literaturas pós-coloniais.

## REFERÊNCIAS

CHIAMPI, Irlemar. **O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispano-americano**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma cada chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

COUTO, Mia. **Vinte e zinco**. 2. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

GARCIA, Flávio. **A banalização do insólito na narrativa de ficção como marca distintiva de um outro e novo gênero literário, o insólito banalizado**: as tensões entre a questão do insólito e os conceitos que dela tentam dar conta na literatura da lusofonia – Brasil, Portugal e Galícia. Rio de Janeiro: 2007. Disponível em: <<http://www.flaviogarcia.pro.br/textos/index.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2012.

MALHANGA. **Cultura Moçambicana**. Disponível em: <[http://www.malhanga.com/maputo/conteudo/povos\\_mocambique.html](http://www.malhanga.com/maputo/conteudo/povos_mocambique.html)>. Acesso em: 23 jun. 2012.

MENTON, Seymour. **Historia verdadera del realismo mágico**. México: FCE, 1998.

PÓVOA CULTURAL. Entrevista a Mia Couto. **Correntes d'escrita**. Disponível em: <http://www.cm-pvarzim.pt/povoa-cultural/pelouro-cultural/areas-de-accao/correntes-d-escritas/edicoes-anteriores/correntes-d-escritas-2008/entrevistas-aos-escretores/entrevista-a-mia-couto>>. Acesso em: 19 fev. 2013.

SERRA, Paulo. **O realismo mágico na literatura portuguesa: *O dia dos prodígios***, de Lidia Jorge e ***O meu mundo não é deste reino***, de João de Melo. Lisboa: Colibri, 2008.

TODOROV. Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução Maria Clara Correa Castelo. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ZAMORA, Lois Parkinson; FARIS, Wendy B (Ed.). **Magical Realism: Theory, History, Community**. 3. ed. USA: Duke University Press, 2000.